

Segunda parte

Sala de aula e tecnologias na universidade

Do curso por correspondência ao curso on-line

JACQUES VIGNERON*

RESUMO

O texto apresenta uma breve história da Educação a Distância (EAD) desde 1840 e seu entrosamento com a história da mídia. Situa a EAD no contexto da educação continuada. Descreve a política da Umesp para a formação dos professores inseridos no projeto de EAD e faz algumas projeções para o futuro.

Palavras-chave: campus; educação; educação a distância; formação do professor; mídia; professor.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ACOMPANHA A HISTÓRIA DA MÍDIA

A revista francesa *Le monde de l'Éducation*, num número especial de setembro de 1998, situa de maneira

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Paris VIII (Vincennes). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenador Pedagógico do Nutae – Núcleo de Tecnologias Aplicadas à Educação – da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: giraud@terra.com.br

contundente o problema da educação a distância: “Progressistas ou reacionários (Inglaterra de Wilson ou Espanha de Franco), ricos ou pobres (Estados Unidos ou Madagascar), centralistas ou federalistas (França ou Alemanha), imensos ou pequenos (China ou Holanda), todos os estados, depois da Segunda Guerra, investiram no ensino a distância. Em todo lugar, as empresas, grandes ou pequenas, e as instituições internacionais trabalham para instalar as infra-estruturas do ensino a distância. Para todos, o desejo é o mesmo: estender o projeto educativo, começado no século 20, para todos os públicos e para todas as formas de saber, aumentar a eficiência e diminuir os custos graças ao emprego de tecnologias cada vez mais eficientes” (SERRES & AUTHIER, 1998, p. 9).

No Brasil, muitos pensam que a educação a distância (EAD) é uma novidade. A aventura, contudo, começou em 1840 na Inglaterra, quando foi lançado o primeiro selo da história do correio, usando uma tarifa única para todo o território de sua Graciosa Majestade, a Rainha Vitória. Isaac Pitmann, o inventor da estenografia, aproveitou-se desta nova facilidade para comercializar a sua invenção e criou o primeiro curso por correspondência. A primeira instituição, que utilizou o ensino a distância, era alemã. O *Instituto Toussaint e Langenseherdt* (1856) dedicou-se ao ensino das línguas estrangeiras. Em 1873, em Boston, nos EUA, Anna Ticknor fundou a Sociedade de Apoio ao Ensino em Casa. No mesmo ano, a Universidade de Bloomington criou um departamento de curso por correspondência. Na França, a partir de 1977, apareceram várias organizações privadas oferecendo cursos por correspondência de cultura geral, de artes, de línguas e de preparação para concursos.

No início do século 20, o ensino a distância começou a interessar-se pelas crianças de regiões isoladas, particularmente na Austrália, no Canadá e na Nova Zelândia. Até hoje, nas imensas regiões semidesérticas do interior da Austrália, o ensino a distância é a forma de escolaridade das crianças. Nas fazendas de gado isoladas, elas recebem os cursos por correspondência e se comunicam com o professor por meio de um sistema de rádio emissor e receptor (Fonte: Programa *Les carnets du Bourlingueur*, TV5).

Na França, vale a pena também citar o Cerca (Centro de Ensino Rural por Correspondência de Angers). Esse curso, criado em 1921 e promovido pela Escola Superior de Agricultura, era dirigido aos adolescentes que saíam da escola primária e tinha como finalidade a aprendizagem do pequeno agricultor. Este trabalho, realizado na região hoje chamada *Pays de Loire*, transformou a agricultura desta região em uma das agriculturas mais avançadas do mundo (VIGNERON & GOTTLIEB, 2002, p. 141-146). Na mesma época, em 1921, os Mormons de Salt Lake City criaram a primeira rádio universitária. Em 1926, a Rádio Luxemburgo, e em 1927, a Radio-Paris PTT, seguiram este exemplo. A partir de 1927, a BBC também ofereceu programas de apoio às crianças das escolas primárias.

No Brasil, no início da década de 1960, com a popularização do rádio de pilha, o MEB (Movimento de Educação de Base), ligado ao episcopado brasileiro, desenvolveu um imenso programa de alfabetização de adultos graças ao Sistema Rádio Educativo. O mesmo fenômeno acontece hoje para as populações nômades das regiões do sul do Saara, graças a um sistema de recarregamento das pilhas com a energia solar.

Hoje a EAD está fortemente implantada em vários países do mundo. Na Europa, a formação a distância permite que 2,5 milhões de europeus obtenham uma formação profissional. Destacam-se particularmente a Inglaterra com a *Open University*, a França com o CNED (Centro Nacional de Ensino a Distância) e a Alemanha com a *Fernuniversität* (SERRES & AUTHIER, 1998). No Brasil, as experiências começam a se multiplicar.

A ERA DA MULTIMÍDIA

Com o evento da televisão, o ensino a distância ingressou na era da multimídia. As ferramentas se sofisticaram e diversificaram: minicassetes, videocassetes e hoje, a internet. A televisão terá dificuldades para se impor como mídia pedagógica. Ela terá que abandonar uma imagem de puro divertimento, popular e barato. É a *Open University* inglesa que realiza a experiência pedagógica concludente no campo do Ensino Superior a Distância. Criada em 1969, ligada à BBC, combinou desde a origem a televisão e a escrita. Dirigida a estudantes maiores de 18 anos sem pré-requisito de diploma, tornou-se para o mundo inteiro o modelo do ensino aberto para os adultos.

Na década de 90, o progresso técnico se acelerou com a aparição da TV por satélite e da TV a cabo, da videoconferência, do CD-rom, da internet e do correio eletrônico. O jovem público de nível secundário e superior, principal cliente do ensino a distância, comprou material sofisticado: fax, antena parabólica, micro computador e modem. Respondendo a esta demanda, o Centro Nacional de Ensino a Distância (CNED) da França apresenta hoje uma coleção impressionante de

meios: cassetes áudio, cassetes vídeo, slides, disquetes, internet, telefone, agrupamento, emissão de televisão interativa, videoconferência, CD-rom, Cd Áudio. As grandes organizações de formação a distância entram com força nas redes. Mas, a grande revolução é o correio eletrônico que, enfim, permitiu uma tutoria a distância eficiente.

No fim desta breve história do Ensino a Distância, Anne Brunswic pergunta: “Durante muito tempo o ensino a distância foi considerado como uma simples alternativa para quem não podia ter acesso a **verdadeiros cursos**, quer dizer, cursos presenciais orais. Quais são as perspectivas do ensino a distância de amanhã? Será que ele vai se tornar objeto de uma escolha positiva? Graças às múltiplas opções abertas, podemos pensar que a formação a distância será escolhida por um número crescente de jovens que combinarão estudo, trabalho e vida pessoal e que escolherão esta opção para continuar a aprender durante a vida toda” (Apud SERRES & AUTHIER, 1998, p. 15).

EAD: UM PROJETO PESSOAL DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA

A educação é considerada neste trabalho como: “Um projeto contínuo e inclusivo de desenvolvimento das capacidades físicas, emocionais e intelectuais, baseado em valores culturais e morais, permitindo que o indivíduo se torne uma pessoa e um construtor do saber”. No livro *Comunicação interpessoal e formação permanente*, o autor afirma: “Para nós, a educação é um projeto contínuo. (...) A pessoa que não tem projeto e não se desenvolve, morre profissional, emocional e

intelectualmente muito antes da morte física. Para não morrer, temos que ingressar num processo de questionamento e formação permanente” (VIGNERON, 1997, p. 37-38). O projeto dá significado; é o que projeta, ou seja, o que vai para o futuro, o que é colocado como finalidade, que dá coerência à ação que reintroduz profundamente a idéia de inovação.

Hoje, precisamos com urgência repensar os projetos educacionais integrando a perspectiva complexa da distância. Nesta nova situação, a tecnologia é o meio. A grande perspectiva é chegar a um projeto em que cada um possa organizar sua formação em função do seu projeto de vida e das suas necessidades. Produzir sua formação implica desejo, vontade, capacidade. A educação necessita de uma abordagem plural, pluridimensional e plurirreferencial. “A tecnologia é não somente um vetor de transmissão dos saberes, ela é também usada nas suas diversas funções. Ela modifica a transmissão e, logo, modifica também a formação. Enfim, a tecnologia revela o oculto, renova nossa visão e contribui a reedificar nossa maneira de pensar” (SERRES & AUTHIER, 1998, p. 88).

Ingressar hoje nos processos de EAD não é simplesmente transformar o ensino presencial em ensino a distância, implica repensar a formação. Pensar na formação a distância é querer o desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões e o desenvolvimento de todos os homens; é contribuir com a implantação da tão falada e ainda pouco firmada *educação para toda a vida*. Pensar na educação a distância é prioritariamente questionar, construir, elaborar uma visão de mundo; é encorajar a atividade teórica. Organizar a EAD não é somente ter o domínio das novas tecnologias, é iniciar e

aprofundar uma reflexão sobre os fundamentos e o significado da educação ao longo da vida. Teorizar consiste em conceber e operacionalizar as condições para assumir um projeto. Por isso, segundo Michel Bernard, “um trabalho reflexivo e prospectivo permanente sobre a educação, o ensino e a formação numa perspectiva temporal e planetária é cada vez mais necessário. Isso implica vontade política efetiva de articular, enfim, as ações de ensino e de formação, centradas de um lado sobre o inicial e obrigatório e do outro lado, sobre o contínuo” (APUD SERRES & AUTHIER, 1998, p. 89).

OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Numa reportagem do *Jornal Folha de São Paulo* de agosto de 2003, anotamos várias reações dos representantes do sindicato dos professores: “Representantes dos professores são contra os projetos de graduação em licenciatura a distância. Segundo eles, essa ferramenta deve ser um complemento ao ensino presencial e não um substituto”. Para Marta Vanelli, secretária de assuntos educacionais da Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação, um educador precisa ser formado em cursos que permitam o contato humano, pois esse será ‘o material’ do trabalho dele. “Os cursos a distância certificam os profissionais, mas não os qualificam”, afirma Ariovaldo de Camargo, diretor de comunicação da Apeoesp (*Jornal Folha de São Paulo*, 13 de agosto de 2003, C 4). Essas reações denotam a resistência de muitos professores.

“A ausência do mestre é a característica forte da aprendizagem a distância. Essa independência do aprendiz

é um elemento importante na transformação da relação ao conhecimento que encontra a sua manifestação mais espetacular com a aparição da *web* da internet. Porém, os progressos tecnológicos favorecem também a volta do mestre graças à interatividade que tenta reproduzir uma 'sala de aula' totalmente virtual. Assim, com os progressos tecnológicos, perpetuam-se as duas concepções da relação com o conhecimento, nascendo de si mesmo ou vindo do mestre, como o destacava os gregos, há mais de vinte e cinco séculos." (SERRES & AUTHIER, 1998, p. 73)

Verifica-se que as novas tecnologias da comunicação modificam a maneira de *ser professor*. Graças à interatividade, um novo tipo de relacionamento do mestre e do discípulo se instaura. Descobre-se uma nova maneira de ser professor no próprio ensino presencial. Graças ao correio eletrônico, o estudante pode receber com antecedência o roteiro da aula e já se preparar para o encontro. Se ele não puder ir, terá material para estudar. Em caso de dúvida, ele pode mandar suas perguntas ao professor. Pode trocar textos com o professor e com os estudantes; até pode mandar seus exercícios por e-mail. Uma dinâmica diferente da aula se estabelece; novos modos de avaliação aparecem. O estudante se sente mais envolvido no próprio sistema educacional. A superação da distância – e com meios relativamente baratos – vem enriquecer o ensino presencial. Só uma ressalva: a aplicação desta dinâmica requer professores de tempo integral.

Antoine Íris, no livro *Les autoroutes de l'information*, levanta o problema do comportamento dos corpos docentes na França: "O ensino a distância: perspectivas novas apresentam-se neste campo para responder a saturação de muitas universidades. O ensino a distância, com som e imagem, oferece uma solução eficiente,

permitindo multiplicação da audiência de um curso. A interatividade autorizada pelas auto-estradas da informação pode também preservar as trocas entre professores e alunos reunidos numa sala de aula virtual, particularmente se esse ensino for acessível a um número maior num quadro de tempo bastante flexível. A maior incógnita é a reação do corpo docente: será que aceita esta fórmula, que de certo modo dilui a importância do seu saber difundindo-o automaticamente em direção de um número grande de estudantes? Será capaz de adaptar-se a um novo tipo de interatividade com os estudantes através da rede? Quantas gerações de professor serão necessárias para efetuar esta mutação? Só o desenvolvimento do telensino poderá responder a estas perguntas" (ÍRIS, 1996, p.40-41).

FUTURO DA EAD

Numa perspectiva de educação ao *longo da vida*, perguntamos quais são as perspectivas para o futuro da EAD. Segundo Maria Luiza Belloni, "em primeiro lugar haverá uma grande expansão de experiências diversificadas de ensino a distância que virão completar ou substituir os sistemas convencionais no atendimento a certas demandas emergentes de formação inicial e/ou contínua; em segundo lugar, surgirão cada vez mais formas híbridas de educação e formação, combinando atividades presenciais e a distância e tendendo a promover a cooperação, intercâmbio e integração dos dois tipos de sistemas; e, por último, estas inovações educacionais tenderão a utilizar de modo mais intenso e integrado todas as potencialidades pedagógicas das NTICs" (BELLONI, 1999, p. 37-38).

CAPACITAÇÃO DOCENTE EM EAD: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

O grupo de trabalho em EAD da Universidade Metodista de São Paulo, criado em 2001, agregava professores e especialistas das áreas de informática, educação e comunicação. O grupo se reunia todas as quartas-feiras de manhã. Administrativamente, estava ligado ao Cead (Centro de Educação a Distância). Um dos seus projetos mais importantes foi a implantação da EAD na Universidade Metodista e depois na rede Metodista de Educação do Brasil e dos países lusófonos. Para atingir este objetivo, o primeiro passo dado foi a realização de um projeto de Capacitação Docente (Capdoc). A primeira experiência aconteceu no segundo semestre de 2001. O grupo de trabalho partiu do princípio que não bastava investir em tecnologia, mas formar os professores para a educação a distância e para o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) no ensino presencial.

No início do primeiro semestre de 2002, o Grupo de Trabalho se transformou em Nutae (Núcleo de Tecnologias Aplicadas à Educação) e pediu que um novo coordenador e gestor assumisse a coordenação pedagógica do projeto. O primeiro passo foi a constituição de uma equipe composta por um administrador do portal, um gestor e coordenador pedagógico, um tutor, um designer e um assistente técnico.

O primeiro Capdoc, coordenado pela nova equipe do Nutae, teve início no dia 8 de abril de 2002, com um encontro presencial, e terminou no dia 18 de junho. O curso comportou onze unidades de trabalho, três presenciais e oito a distância, representando um mínimo de seis

horas de trabalho por semana para os 25 professores participantes desta formação.

Cada unidade começava com uma orientação composta por palavras-chave – permitindo investigação na web –, referências bibliográficas e links de busca. Cada roteiro era constituído de textos de leituras obrigatórias em livros, revistas e hipertexto, de trabalhos práticos (questionários sobre os textos, curtas resenhas críticas, relatos de experiências, micro pesquisas no ambiente de trabalho dos professores participantes) e de fóruns de debate. No fim do curso cada professor ou grupo de professores devia apresentar um projeto de curso a distância de curta duração.

Os roteiros de cada unidade eram entregues com uma semana e meia de antecedência ao administrador do portal, que com um designer editava as unidades. Com regularidade, cada unidade se encontrava à disposição dos participantes todas as sextas-feiras à tarde.

A animação dos fóruns, o aconselhamento, a avaliação e os controles eram assumidos pela tutora do curso. Cada semana ela apresentava um relatório e uma síntese dos trabalhos do fórum. No fim de 2003, já haviam sido realizados sete cursos internos para a formação dos professores da Umesp e do Colégio Metodista de São Bernardo do Campo e cinco cursos externos, para outras instituições. Nesses últimos, destacou-se o curso oferecido às Secretarias Municipais e Diretorias Regionais de Ensino do Grande ABC, que reuniu 130 professores da região. Durante esses dois anos, o projeto Capdoc passou por constantes aperfeiçoamentos. O curso do segundo semestre de 2003 já era a 4ª edição do programa de capacitação. Em agosto de 2004 o curso passou por uma reestruturação completa.

Depois de dois anos de trabalho com o Capdoc, a equipe chegou às seguintes conclusões: é necessário compor uma equipe com, no mínimo, um administrador do portal, um gestor e coordenador pedagógico, um tutor para no máximo 20 alunos, um designer e um técnico de informática para apoiar os alunos. Um cronograma rigoroso é imprescindível. O ritmo semanal parece bom e de manejo bastante definido. Encontros presenciais no início, meio e fim são indispensáveis para manter a motivação dos estudantes e os trabalhos de grupo. É preciso oferecer aos alunos roteiros de trabalho rigorosos. Sem cair no ensino programado, é importante oferecer textos de leitura, mas também dicas de pesquisa e exercícios. Os fóruns de debate, animados pelos tutores, permitem aos alunos interagir. No fim de cada semana, os tutores devem fazer uma síntese dos debates. O gestor, no fim de cada unidade, deve preparar perguntas do fórum bem elaboradas e motivadoras. É importante oferecer uma preparação aos estudantes para usar a informática. A formação dos docentes é essencial e faz parte da política de EAD da Umesp, por meio do Capdoc.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O CAMPUS UNIVERSITÁRIO

A implementação de programas de EAD não tem como objetivo a substituição da educação presencial. Pretende simplesmente oferecer uma alternativa a quem não tem acesso ou tem difícil acesso a uma escola, seja por causa das distâncias, seja por causa do tempo.

Em 1985, no encontro da Intercom “Comunicação e educação, caminhos cruzados”, o problema do tempo e do espaço para o trabalhador estudante foi proposto

nestes termos: “O tempo real disponível do trabalhador estudante é escasso. O tempo gasto nos transportes agrava ainda mais a situação; ele tem que realizar um programa igual ao do aluno ocioso. Resultado: sofre as reprovações, as dependências e muitas vezes acaba trancando a matrícula. Morando nas periferias, os campi universitários lhe são dificilmente acessíveis. A universidade tradicional, fechada entre as paredes do campus, não está adaptada à situação. É necessário abrir o espaço e abrir o tempo. Para isto, levantam-se duas perguntas fundamentais: o trabalhador estudante deve estudar dentro do campus universitário? Ele precisa estudar dentro dos limites do tempo letivo?” (VIGNERON, 1986, p. 355).

Pensar em termos de EAD pressupõe dar novas dimensões ao campus universitário: “Com a universidade aberta, o campus universitário torna-se um centro de pensamento e ação em volta do qual gira uma multidão de satélites. O campus não é mais um conjunto de prédios previstos para ministrar aulas. Ele centraliza vários serviços definidos por Ivan Illich como ‘teias de aprendizagem’. O planejamento de novas instituições educacionais não deve começar com as metas administrativas de um príncipe ou de um presidente, com as metas de ensino de um educador profissional, nem com as metas de aprendizagem de alguma classe hipotética de pessoas. Não deve começar com a pergunta: o que se deve aprender? Mas com a pergunta: com que espécie de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contato para aprender?” (ILLICH, 1981, p. 130).

Para realizar uma proposta deste tipo, a universidade aberta deve comportar “um serviço de consulta a objetos educacionais” (ILLICH, 1981, p. 132). Bibliotecas,

audiotecas, videotecas e também informações sobre todos os cursos disponíveis e acessíveis no plano local e regional: museus, exposições, centros culturais, indústrias, etc. A universidade aberta deve permitir o “intercâmbio de habilidades que permitam às pessoas relacionar suas aptidões” (ILLICH, 1981, p. 132). Ela deve criar “uma rede de comunicação que possibilite às pessoas descrever a atividade de aprendizagem em que desejam engajar-se na esperança de encontrar parceiro para a pesquisa” (ILLICH, 1981, p.132). Enfim, ela deve fundar “um serviço de consulta a educadores em geral, que possa ser relacionado num diretório, dando endereço e autodescrição de profissionais, não-profissionais, freelancers, justamente com as condições para ter acesso a seus serviços” (ILLICH, 1981, p. 132). (VIGNERON, 1986, p. 357-358).

CONCLUSÃO

A EAD deve utilizar os recursos mais variados, até o encontro humano tradicional. O *feed-back* deve ser promovido a todo custo individualmente e coletivamente. O retorno é fundamental para o estudante organizar corretamente seus conhecimentos. O lugar privilegiado do retorno é a reunião de grupo, que é absolutamente indispensável. É por isso que durante o curso de “Introdução a docência em EAD” optou-se pela realização de três encontros presenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, Maria Luiza. Educação a distância. Campinas: Autores Associados, 1999.
- ILLICH, Ivan. Sociedade sem escola. Petrópolis: Vozes, 1982.
- IRIS, Antoine. Les autoroutes de l'information. Paris: PUF, Col. Que sais-je, 1996.

SERRES, Michel & AUTHIER, Michel. *Apprendre a Distance*. Paris: Le Monde de l'Education, 1998.

VIGNERON, Jacques. A Universidade aberta e o trabalhador estudante. In MARGARIDA Maria Krohling Kunsch (Org.). *Comunicação e educação caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 355-359.

VIGNERON, Jacques. *Comunicação interpessoal e formação permanente*. São Paulo: Angellara Editora, 1997.

VIGNERON Jacques; & GOTTLIEB Liana. *Diálogos sobre educação... e se Platão voltasse?* São Paulo: Iglu Editora, 2002.